

Liliane Prata

# à revelia



Copyright © 2011 by Letras do Brasil  
Capa e Projeto gráfico: Eder Cardoso

Foto da capa:  
Edição: Robson Morelli  
Revisão:

[Livro que segue as novas regras do  
acordo ortográfico da Língua portuguesa]

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P924r

Prata, Liliane

À revelia / Liliane Prata. - São Paulo : Letras do Brasil, 2011.  
236p. : il. ; 21 cm

Inclui índice  
ISBN 978-85-61469-08-5

1. Romance brasileiro. I. Título.

11-5378. CDD: 869.93  
CDU: 821.134.3(81)-1

22.08.11 26.08.11 029069

Direitos exclusivos de edição reservados à:  
LETRAS DO BRASIL EDITORA LTDA  
Avenida Itaberaba, 345 - sala 02 | CEP: 02734-000 - São Paulo - SP  
Tel.: (11) 3931-7697 - Brasil  
[www.letrasdobrasil.com.br](http://www.letrasdobrasil.com.br)





Ele fechou a porta e começou a descer os degraus da escada bege.

Era uma das maiores salas da faculdade. Havia 90 lugares dispostos sobre o plano inclinado que acabava num largo palanque de madeira escura, quase todos ocupados naquele momento. A maioria dos estudantes conversava – alguns estavam de pé, marcando seu lugar com uma mochila ou outro pertence qualquer, e ouvia-se desde perguntas sobre as férias a comentários a respeito de algum livro. Pouco a pouco, o burburinho foi perdendo força e quem estava de pé se sentou. Quando ele pisou no último degrau, todo o ruído de palavras e cadeiras já havia chegado ao fim, e a sala foi inteiramente preenchida pelo silêncio.

Aquele silêncio não o intimidava. Pelo contrário: havia se sentido confortável ao avançar cada centímetro em direção ao palanque, mesmo ciente das dezenas de olhares à sua volta. Aproximando-se da longa mesa, tirou seu paletó e o ajeitou com calma sobre a cadeira, como se estivesse sozinho na sala de estar de sua casa. Em seguida, dispôs em cima da mesa sua pasta de couro marrom, de onde tirou alguns papéis que foram ajeitados ao lado da pasta. Deu um passo em direção à lousa, pegou um pedaço de giz e escreveu: Pedro Kuntz. Sentou-se, verificou com dois leves toques se o microfone à

sua frente estava ligado e observou por alguns segundos a plateia atenta e muda à sua frente. Era sua primeira aula daquele semestre.

– Bom dia, senhores – disse, após limpar a garganta mais pelo efeito do que por necessidade. – Espero que tenham consultado o programa antes de entrar na sala. A bibliografia está lá, assim como as indicações de traduções. Peço a todos que não usem traduções que não estejam no programa. Meu método de avaliação consistirá numa prova e na apresentação de um seminário, com datas a serem marcadas. Estou vendo uma mão levantada. Peço a gentileza de sempre esperarem que eu abra a aula para perguntas. Se continuarem com dúvidas, dirijam-se a mim depois. Não respondo a e-mails.

Alguns alunos se entreolharam. “Disseram que ele reprova metade da turma”, alguém murmurou para o colega ao lado, que concordou com a cabeça. “Não duvido. Olha só a cara dele.” De fato, aquele homem de olhar distante, tom de voz monocórdio e uma formalidade que não se sabia bem de onde vinha – da roupa, dos gestos, das rugas profundas da testa, de tudo junto –, mas que o envolvia por inteiro, não parecia ter a menor preocupação em fazer o tipo do professor simpático e caloroso. Daria uma aula introdutória e panorâmica naquele dia, antes de entrar mais profundamente no tema do curso, elementos de linguística. Começaria explicando o que era linguística, área que a maioria daqueles estudantes de letras ainda não havia estudado. Sabia que assustaria boa parte daqueles jovens com suas explicações complexas, sempre envolvidas por camadas e mais camadas de termos acadêmicos, e se divertia com isso. Em seguida, mencionaria alguns dos principais autores, discorreria sobre a ligação da linguística com a antropologia, filosofia, sociologia e psicanálise, adiantaria algumas questões contemporâneas e, por fim, falaria um pouco sobre

cada obra a ser trabalhada até o fim do semestre e indicaria as páginas a serem lidas para a próxima semana.

Pedro dava sua primeira aula de linguística dessa maneira havia 15 anos. *Exatamente* dessa maneira.

Os papéis, 14, ficavam dispostos à sua frente, e ele os lia sem alterações. O ritmo de sua voz, assim como sua fisionomia, permaneceria quase invariável até o fim. Tinha certeza de que não existia melhor maneira de dar uma aula introdutória sobre linguística e, ao ler o texto em voz alta, não era raro que fizesse uma pausa de alguns segundos para se vangloriar intimamente de quão bem escritos eram seus parágrafos – ao menos para os que tivessem um mínimo de conhecimento e conseguissem compreendê-los. Depois de encerrar a aula, caminharia até o restaurante dos professores, onde sempre almoçava, a não ser quando estava chovendo; nesse caso, preferia comprar um sanduíche na cantina e levá-lo para sua sala. Era lá onde costumava se fechar até o início da noite, imerso nas atividades que o interessavam mais do que lecionar.

Ele passava o dia lendo, pesquisando, recebendo orientandos e escrevendo. Às vezes, saía para participar de alguma banca para a qual havia sido convidado ou, mais raramente, quando estava com dificuldades para se concentrar, assistir a alguma defesa de tese. No momento, concluía um artigo sobre Derrida para uma revista francesa. Estava sempre envolvido em textos densos, precisos e exaustivos. Ao escrever, os livros de sua estante iam abaixo: eram dez, doze volumes espalhados, consultados, grifados. Envolvido com cada detalhe de seus artigos, analisando e relendo linha por linha e verificando a procedência de cada citação, ele se concentrava por horas seguidas. Depois de terminar o texto, o que podia levar semanas, meses ou mesmo anos, relia-o diversas vezes: as primeiras

para revisar e fazer pequenos ajustes, as últimas para se deleitar com o trabalho concluído.

Às vezes, quando estava mais cansado do que de costume, pensava em fazer uma pausa de algumas semanas entre um texto e outro. Não faria mal passar alguns dias apenas lendo aulas que estavam prontas havia anos. Quem sabe, nas próximas férias, pudesse mesmo passar algumas semanas sem estudar ou escrever nada; quem sabe não fosse novamente capaz de se deitar no sofá de sua casa e ler romances a tarde inteira, como fazia até o início da faculdade, assustando-se ao consultar o relógio e constatar como o tempo tinha passado depressa! Naquela época, havia se comprometido consigo mesmo a intercalar as leituras acadêmicas com romances, diferentemente de vários de seus colegas e professores. Não queria abraçar o mundo teórico se o preço fosse desprezar as artes, a literatura, a poesia. Mas, ainda na graduação, foi o que fez. Quando começou a estudar linguística e se enveredou por essa área, suas leituras extra-acadêmicas foram se tornando cada vez mais raras. A maioria de seus professores de linguística nem sequer conversava sobre literatura, mesmo na hora do almoço. O orientador de sua monografia, inclusive, chegou a comentar uma vez que era feliz por não gostar muito de ficção, assim tinha mais tempo para estudar.

No entanto, uma pausa nas atividades acadêmicas não chegava a ser um plano na vida de Pedro; era um mero devaneio que não resistia a uma noite de sono ou mesmo a um banho demorado, e ele emendava artigo atrás de artigo, todos complicadíssimos, fossem para publicações importantes ou nem tanto, para livros assinados por vários autores ou apenas por ele. Agora, com compromissos previstos para todo o semestre, ler ficção era quase inimaginável, mesmo que fosse em outra língua – hábito que cultivou no último ano da faculdade,

---

quando lia romances em alemão ou francês não apenas para praticar os idiomas que falava fluentemente, mas para inocentar suas leituras. Era este, portanto, o planejado para aquele dia: concluir sua aula, almoçar no restaurante dos professores e se fechar em sua sala, como faria pelos meses seguintes. Tudo muito bem organizado.

Por isso é compreensível que ele tenha sentido uma enorme bola de angústia subindo rapidamente do estômago à garganta, quando, ao virar o terceiro papel à sua frente, viu Betina sentada na segunda fileira do canto esquerdo da sala.

Em questão de segundos, Pedro percebeu toda a sua concentração se dissolvendo. *Não pode ser. Não faz sentido.*

O curto momento em que ele se deu conta da presença de Betina, seguido pelo brevíssimo instante em que olhou de novo em sua direção para confirmar o que já sabia ter visto, foi suficiente para que toda a tranquilidade imaginada para aquele dia fosse substituída por um susto desagradável. *O que diabos ela está fazendo aqui?*, pensou, agora voltando os olhos para o papel e procurando recuperar o ponto onde estava.

Percebendo que tinha acabado de ler a terceira folha, ajeitou a quarta à sua frente, enquanto tentava acalmar a respiração e reencontrar seu tom de voz monocórdio. A tarefa, porém, pareceu-lhe impossível. Por que Betina resolvera assistir à sua aula? Ela teria comentado alguma coisa com algum aluno? Sentiu que suas mãos tremiam, o que fez com que a branquíssima pele de seu rosto enrubescesse. *Não fique vermelho*, pensou, enquanto fingia ler mentalmente os escritos no papel, como que procurando algo. *Ignore-a e dê a aula normalmente.* Mas era difícil. Não conseguia! Observou a imensa plateia à sua frente e percebeu um ou outro murmúrio de estranhamento, imaginou outros tantos e foi invadido por algo que caminhava para um desespero completo.